

A FEIRA COMO TERRITÓRIO DE INVENTIVIDADE: O CASO DAS FEIRAS POPULARES DO BAIRRO DA LEVADA, MACEIÓ-AL

Aline Nicole B Ramos¹, Juliana Michaello Macedo Dias²,

1. Mestranda em Dinâmicas do Espaço Habitado, PPGAU, FAU-UFAL e Graduada em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL)
2. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU -UFAL)/ Orientador

Resumo

A *tática* e o *improviso* são elementos da atividade do construtor popular que lida com a *limitação material e econômica*, durante o processo de produção para solucionar os problemas de seu grupo. Em sua maioria tem uma simplicidade de produção, com materiais abundantes do local ou de fácil acesso. O estudo apresentado ocorreu pela *observação* dos mecanismos táticos, *discussão do referencial teórico* e da transposição do observado em forma *inventário*. Através do conceito de *gambiarra* de Boufleur (2016) pôde ser percebida a inventividade popular como fruto de improviso e analisá-la através da percepção do quadro material pela abundância e a escassez de produtos e pela subversão do modo de produção, indicando as mudanças de uso, forma e/ou função, ampliando a compreensão da invenção popular e relacionando ao design. Tal percepção foi ampliada pelo conceito do fazer fragmentado de Jacques (2007), que pode expor o modo de produção por meio de materiais residuais.

Palavras-chave: gambiarra; cultura popular; inventividade;

Trabalho selecionado para a JNIC: UFAL

Introdução

É por meio de adaptações, consertos, reparos e remendos que ocorre a atividade do construtor popular. Com o uso dos artifícios a seu alcance ele transforma o espaço de feira, constrói barracas, faz uso de bacias na exposição de suas frutas e verduras, se trabalha ao sol adapta o guarda-sol para fugir do calor, caso trabalhe em espaço pequeno, pendura seus produtos, abre espaço e molda tudo que o circunda a suas necessidades.

A utilização de ferramentas para novos fins é exposta por Sennett (2015) como elemento que desenvolve a capacidade de criar e improvisar. Estes usos excêntricos fazem parte da capacidade nas invenções populares, não só no uso de novas ferramentas, quanto em novos usos ao objetos como os citados acima são apenas algumas das diversas resoluções que os feirantes encontram para suprir suas necessidades cotidianas.

A gambiarra ou inventividade popular tem como área de origem e atuação a cultura material e a cultura popular e investiga as possibilidades criativas do ser humano. Pelo projeto ocorrer na região de feira da Levada, temos um grupo produtor específico, trabalhar com esse recorte nos mostra as diferenças dadas à realidade desse grupo, expondo suas características culturais e socioeconômicas, desse modo, o trabalho evidenciou o conceito de *popular* descrito por Hall (2003).

A relação entre a 'gambiarra' e a restrição econômica e material do grupo é tema abordado por alguns autores a partir dos conceitos de *táticas* e *artes de fazer* de Certeau (1994), *fazer fragmentado* de Jacques (2001) e a *gambiarra* e *improviso* de Boufleur (2006 e 2013) que foram discutidos e adaptados à temática do presente trabalho.

A compreensão da criação mediada pela necessidade e pelos recursos materiais ocorreu no projeto por meio da observação dos mecanismos e táticas, da *discussão das referências bibliográficas* e da *transposição do coletado em forma de inventários*, que foram os objetivos trabalhados e que reforçam a percepção de que a produção popular é uma forma de persistência do grupo tal qual evidenciado pelo projeto geral, elas são a temática de estudo do eixo de inventividade que compreende a 'gambiarra' como elemento simbólico da restrição econômica.

Metodologia

O desenvolvimento da pesquisa, por ser um trabalho de iniciação científica, faz parte de uma projeto maior subdividido inicialmente em quatro recortes. O projeto geral busca compreender a persistência popular em meio às dificuldades cotidianas, tendo como objeto de estudo as feiras populares da Levada, nomeado como: *As feiras populares como território de persistência: o caso das feiras populares do bairro da Levada, Maceió-AL*, no qual o recorte deste artigo representa o eixo de inventividade que compreende a 'gambiarra' como elemento simbólico da restrição econômico do grupo. Dessa forma, esse projeto foi desenvolvido por meio da metodologia prevista no plano de trabalho, no qual as etapas tinham comunicação entre os demais eixos.

Desse modo, iniciamos pela *revisão bibliográfica*, que se deu pela discussão de diversos autores. Para o recorte do fazer restritivo foram utilizados Jacques, Boufleur e Certeau, no entanto como as dificuldades e táticas se expressam nas dinâmicas do espaço e em sua imagem e são temáticas pertinentes em outras áreas de pesquisa houveram também autores que discutiam a globalização, o conceito de popular, discussões sobre o espaço urbano, narrativas e memória oral, que foram importantes ao desenvolvimento da pesquisa e a

permitiram ampliar o escopo da pesquisa e também nos auxiliaram nos nossos trabalhos posteriores ao PIBIC.

Consecutivamente a etapa da discussão da bibliografia, fizemos *observações in loco*, que consistiram em idas a campo proporcionando a aproximação com a feira, a compreensão das dinâmicas do espaço e sua cultura material, nesta etapa foi possível observar os usos e o fazer tático. A confecção do *inventário*, por sua vez, permitiu a exposição do fazer tático através da descrição do uso, função e materiais utilizados; e o *registro*, que auxiliou na confecção do inventário, proporcionando a visualização das gambiarras, a imagem também contextualiza a “gambiarra” mostrando o local e a posição, pois por vezes as gambiarras ocorrem simultaneamente.

Resultados e Discussão

Na feira, há um grupo muito diverso de gambiarras e invenções populares, o que faz a tarefa de selecionar dentro dessa vasta quantidade de inventos uma atividade complexa. Os inventos vão desde pequenas gambiarras com o uso de pregos, barbantes e fios, que apesar de simples são muito características do espaço da feira, como também encontramos grandes criações realizadas através do fazer fragmentado, utilizando inúmeros pedaços de materiais fixados com pregos, parafusos, amarrados, utilizando do que estiver à mão do(s) construtor(es).

Ambas as maneiras de fazer são táticas importantes para contornar a demanda que só tinham resolução por meio da própria atuação na resolução do problema, tal atuação demonstra as persistências diárias do grupo. Ao direcionar a compreensão da inventividade dos feirantes da Levada, percebe-se que o termo inventividade popular, assim como os conceitos de *Gambiarra* (Bouffleur, 2006 e 2013), *Fazer Fragmentado* (Jacques, 2007), *Tática e Artes de Fazer* (Certeau, 1994), agregam as diversas formas de produção e improvisação desenvolvidas para os mais variados objetivos, entretanto possuem a necessidade e restrição econômica em comum.

A Gambiarra, a partir da visão de Bouffleur (2013) descreve não só o produto resultante da produção popular, mas também a atividade que a produz. O autor caracteriza a gambiarra de modo que pode ser transposto à inventividade popular que é tratada aqui. Assim como na Levada, a autor ressalta que toda a gambiarra [ou inventividade popular] é realizada por meio de improvisação que ocorre por um “propósito utilitário”, ou seja, pela necessidade de resolver uma adversidade do cotidiano. Ela só ocorre na sociedade industrializada e de consumo, pois esse tipo de resolução de um problema por meios manuais e através do improviso contorna a produção formal de artefatos.

Diante disso as atividades de gambiarra e inventividade já que estão fora do padrão de produção industrial, não possuem valor econômico. Além da subversão à prática do design e da industrialização, ela substitui a atividade profissional adequada, podendo ser vista como uma personalização feita de forma individual, já que apesar de existirem produções similares, a realização individual e manual resultam em artefatos diferentes pela ótica da produção em série. O autor fundamenta a discussão da gambiarra, através do improviso, reajuste utilitário e subversão do design. Como os inventos populares sempre são fruto de improviso e um reajuste utilitário, as definições de tipologias por meio de subversão do design é mais completa para a classificação das produções encontradas, no entanto a classificação de reajuste utilitário, também fará parte do inventário.

De forma a elucidar a escolha, é importante ressaltar que o improviso na inventividade popular é ação que contorna a lógica projetual, pula etapas metodológicas e parte diretamente para a construção do produto, na qual o autor indica que a improvisação sob o contexto industrial ocorre cotidianamente em cinco situações, que são: *o uso dos recursos do momento*, *a forma de lidar com situações imprevistas*, *fazer sem o plano prévio*, *fazer diferente e fugir de regras e tradições* e, por fim, *a criação a partir de uma realidade preexistente*. Nota-se que as situações, apesar de terem sido apresentadas separadamente, podem ocorrer e ocorrem muitas vezes de forma conjunta, por exemplo ao utilizar sacos de farinha para cobrir as verduras e frutas, o produtor utiliza do recurso do momento já que no espaço de feira vendem farinha e possivelmente os sacos se acumulam e são descartados ali, além disso ele foge da realidade preexistente modificando o uso inicial. Dessa forma, por entender que toda gambiarra é um improviso que sobressai as definições dadas, elas não contribuem com o inventário proposto no projeto.

Acerca do **reajuste utilitário**, o autor indica que esta característica tem relação ao quadro de materiais disponíveis, compreendendo a relação entre demanda-recurso que, para o grupo popular, constantemente se encontra em desequilíbrio. Neste sentido, o autor trabalha com as situações de **abundância** e **escassez**. Pela ótica da **escassez** o autor traz como possibilidades a *ausência* e a *limitação*; já pela **abundância**, temos a *disponibilidade* e a *possibilidade*; essas características podem ocorrer de forma complementar, ou seja a escassez de um produto, vai ser resolvido com a material em abundância. Por compreender que os materiais utilizados na confecção do invento são importantes mediadores da produção, enumerar a abundância e escassez dos materiais nos mostra padrões e expõe o quadro material acessível ao feirante.

A **subversão do design** industrial, por sua vez é dividida em três categorias: 1- manutenção da forma com modificação da finalidade, ocorre quando há o usuário agrega um novo uso ao objeto sem perder a capacidade de realizar a sua função principal; 2- modificação da forma com manutenção da finalidade, são objetos defeituosos que para aumentar o tempo de vida naquela função recebem reparos improvisados; e 3- modificação tanto da forma quanto da finalidade, ela engloba os objetos construídos a partir de artefatos, no qual nem o uso, nem a forma definida pela atividade do design permanecem.



Figura 2,3,4 e 5: Exemplos de modificação da finalidade, modificação da forma, modificação da forma e finalidade e inventos fragmentados, respectivamente. Fonte: Grupo de Pesquisa Nordesteanças

Essas três definições nos auxiliam bastante na classificação dos itens coletados, expondo sua relação com a atualidade, a atividade do produto popular compreende o grupo, o tempo e o espaço em que elas estão inseridas, por ocorrerem na contemporaneidade tem dinâmicas contemporâneas em sua execução, neste caso sendo ressaltada pela utilização de materiais industrializados na produção das gambiarras e dos inventos populares.

No entanto, deixam de fora as construções maiores realizadas de forma improvisadas e que chamam bastante atenção no ambiente de feira, para elas escolhemos a definição de inventos fragmentados. A escolha de nomear como inventos fragmentados busca remeter ao conceito de Jacques (2007) do fazer fragmentado que tem o uso de materiais residuais como matéria para construção, entretanto tem como característica a provisoriade material, pois ao aplicar os materiais à disposição, utiliza de materiais que não são adequados. Ao relacionar as definições descritas com os inventos da feira podemos ilustrar da seguinte forma: a manutenção da forma com alteração da finalidade com inventos como os caixotes que são utilizados como apoio para bandejas e bacias com frutas – soluções que estão relacionadas nesse caso à sua abundância; a modificação da forma com manutenção da finalidade com o guarda sol quebrado que é amarrado e fixado para aumentar a sombra da barraca; já os artefatos que possuem finalidade e forma alterados podem ser relacionados com o isopor que recebe furos para se tornar um expositor de vassouras e por fim as criações fragmentadas como a parede que sem ter material adequado utiliza de materiais residuais metálicos, pregos, papelões e cordões para promover o fechamento da banca.

Conclusões

Para finalizar o debate das invenções populares e as expor, foi desenvolvido um inventário e colocado em formato aberto no site do Grupo de Pesquisa Nordesteanças (<https://www.gpnordestancas.com/gambiarras>). Este modelo de inventário compreende que as gambiarras são realizadas em sua maioria em forma de táticas, têm modos de fazer e de usar dados pelo autor e caso suas necessidades mudem, elas se alteram: um guarda-sol pode ser retirado, o caixote plástico substituído ou colocado em uma nova função. Também percebemos que apesar de terem uma similaridade, os usos podem variar, o caixote nas mão de determinado feirante pode ser usado em diferentes alturas, buscando manter uma altura igual entre a caixa térmica e as bandejas, em outros casos ele pode ser utilizado apenas em uma de suas alturas buscando a regularidade da banca, compreendendo que o uso de cada objeto se altera de pessoa para pessoa. Esses usos similares acabam sendo ressaltados durante o inventário por entender que são os usos mais frequentes, englobando a necessidade e a rápida ação em solucioná-la.

Apesar do recorte utilizado possibilitar diversas discussões dentro do escopo da inventividade popular relacionada com a gambiarra, o fazer fragmentado e o fazer tático e popular foi perceptível ao decorrer do trabalho a existência de uma inventividade popular que possuía uma perícia em sua confecção, apesar de terem uma construção simples e com limitações técnicas e de material, apresentam características de um fazer hábil com materiais e acabamento que não são mais sucatas, o que mostra a existência de um artífice popular.



Figura 6: Exemplos de construções realizadas por artífices. Fonte: Grupo de Pesquisa Nordestanças

O trabalho do artífice popular é uma interessante possibilidade para continuar o desenvolvimento da pesquisa no local. Essas construções e inventos, mesmo lidas como feitas com maior habilidade ainda têm o caráter popular, por ter a simplicidade de projeto e características da gambiarra em suas resoluções. Como exemplo da tática nessas construções percebemos que as suas “janelas” geralmente são feitas com abertura basculante, que abrem empurrando para cima, contudo as ferragens para essa abertura são inadequadas, pois não seguram quando abertas, já que a ferragem adequada tem um valor elevado, as correntes e cadeados que promovem a segurança, também seguram a janela aberta. As ferragens descritas entram no corpus da pesquisa, mas juntos da sua construção podemos ressaltar a produção projetual do artífice.

Para além dessa possibilidade de desdobramento, a pesquisa também efetuou no ciclo do PIBIC 2019-2020 cruzamento da realidade de diferentes feiras no estado de Alagoas, o que permitiu analisar a influência da escassez e abundância enquanto determinantes dos inventos, bem como compreender os arranjos recriados por feirantes em diferentes contextos sociais-geográficos, apesar de ter tido as restrições dadas ao momento de pandemia que vivemos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. A Questão Da Gambiarra: formas alternativas de Desenvolver Artefatos e suas relações com o Design de produtos, 153 P, Tese de Mestrado (Design e Arquitetura). FAU-USP, São Paulo, 2006.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. Fundamentos da Gambiarra: A improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico. 2013. 252 p. Tese de doutorado (Arquitetura e Urbanismo). USP, São Paulo, 2013.

BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo Da Memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARERI, Francesco. Caminhar E Parar. Editorial Gustavo Gilli, 2017.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano: Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: Editora 34, 2017.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós Modernidade. Editora DP&A, 1992.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 160 p.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

SENNETT, Richard. O Artífice. Rio De Janeiro: Record, 2015.

VELHO, Gilberto. Um Antropólogo Na Cidade: Ensaio De Antropologia Urbana. Rio De Janeiro: Zahar, 2013.